

Hugo Harada / Gazeta do Povo



A dentista Sandra Sgarbi diz que sua família cortou viagens e deixou de ir a restaurantes.

Consumidor muda hábitos e evita gastos

■ A crise e a insegurança levaram os brasileiros a mudar hábitos de consumo e a evitar despesas mais altas. O fenômeno afeta não só quem perdeu emprego ou viu a renda corroída pela inflação; também há muita gente economizando por precaução.

As principais vítimas da tesourada no orçamento doméstico foram as atividades de lazer. Esse foi o tipo de gasto mais reduzido por 39% da população, segundo pesquisa realizada em fevereiro pelo serviço de crédito Boa Vista SCPC. Outro levantamento, da consultoria de consumo Kantar Worldpanel, revela que 1,6 milhão de famílias deixaram de comer fora no ano passado.

A dentista Sandra Sgarbi faz parte desse grupo. "Na minha família, deixamos de ir a restaurantes, como fazíamos anteriormente. E as viagens de lazer também foram cortadas", diz. Sandra dá aula em duas universidades. Numa delas, pública, ela tem estabilidade no emprego. Na outra, particular, viu vários colegas serem demitidos nos últimos meses.

A crise também deu as caras no consultório da dentista. Ela reduziu o estoque de materiais ao mínimo necessário. "Sinto que os pacientes estão adiando tratamentos mais caros, principalmente protéticos, por medo de ficar sem dinheiro no futuro", conta.

O professor de Física Nestor Saavedra Filho, que coordena uma pós-graduação em uma universidade federal, tem emprego estável. Mas diz que o momento recomenda prudência, a começar porque o aumento do salário não acompanha, necessariamente, os reajustes de suas despesas fixas. A instabilidade na política e na economia também o fizeram desistir de uma viagem que planejava para julho, para visitar uma irmã que mora na Suécia. "Corre-se o risco de assumirmos despesas com o dólar a R\$ 3,60 e, na hora da fatura, arcar com uma cotação mais alta", diz.

Colaborou Caio Ferreira Liberal

“Corre-se o risco de assumirmos despesas com o dólar a R\$ 3,60 e, na hora da fatura, arcar com uma cotação mais alta.”

Nestor Saavedra Filho, professor de Física.

* APLICAÇÕES

Tesouro Direto é aplicação que mais rendeu em 15 anos

Fábio Cherubini

■ A manutenção das altas taxas de juros fizeram com que os títulos públicos fossem os investimentos mais rentáveis do Brasil em 15 anos. O levantamento é do Instituto Assaf e compreende os períodos de janeiro de 2001 a dezembro de 2014. A base de dados usada foi a do Banco Central. Já em 2015, o dólar foi a aplicação que mais cresceu.

Em uma década e meia, os papéis de renda fixa tiveram um ganho de 988,58%. Descontada a inflação do período (166,89%), o rendimento foi de 307,87%. No ranking, os papéis foram seguidos pelo ouro, que teve 566,12% de ganho nominal e 149,59% real; pela renda fixa, com

507,58% e 127,65%; e pelos fundos de renda fixa, com 507,08% e 127,65%, respectivamente.

Para o pesquisador do Instituto Assaf e professor de Economia da USP Fabiano Guasti Lima, a análise considerou todos os papéis do Tesouro disponíveis.

Destes, os que apresentaram a maior estabilidade no longo prazo foram os títulos ligados à inflação, as antigas NTN-Bs. A explicação, segundo Lima, é o fato de esses papéis terem o período de vencimento mais prolongado.

O economista afirma também que as altas taxas de juros no período beneficiaram as aplicações de renda fixa, como os fundos DI e os CDBs, que estão vinculados à Selic.

Já a performance positiva do ouro se justifica pelos fortes efeitos da crise financeira mundial de 2008. A alta da procura do metal é comum em momentos de instabilidade econômica e representa um porto seguro para os investidores.

DÓLAR EM ALTA

Em 2015, o dólar foi o campeão entre as aplicações, com ganho de 47,01%. Descontada a inflação, ele ficou em 32,83%. Mais uma vez, o ouro repetiu os bons resultados, ao fechar em segundo lugar com ganhos de 33,63% e de 20,47% sem a inflação. Em terceiro ficaram os títulos públicos, com 18,78% e 7,33%, respectivamente.

PERFORMANCE

Acompanhe o desempenho dos principais investimentos no Brasil de janeiro de 2001 a dezembro de 2014:

2011 A 2014

Neste período, a inflação foi de **166,89%**

	Ganho nominal (em %)	Ganho real* (em %)
Títulos Públicos	988,58	307,87
Ouro	566,12	149,59
Renda Fixa	507,58	127,65
CDB	459,96	109,81
Imóveis	229,73	23,54
Poupança	214,51	17,84
Bolsa	184,12	6,46
Dólar	94,34	-27,18

*descontada a inflação

EM 2015

A crise econômica no Brasil fez com que investimentos conservadores, como o dólar e o ouro, disparassem em 2015, quando a inflação ficou em 10,67%. Veja os resultados:

	Ganho nominal (em %)	Ganho real* (em %)
Dólar	47,01	32,83
Ouro	33,63	20,47
Título Público	18,78	7,33
Renda Fixa	13,24	2,32
CDB	12,47	1,62
Poupança	7,94	-2,47
Imóveis	7,22	-3,12
Bolsa	-13,31	-21,67

Fonte: Instituto Assaf. Infografia: Gazeta do Povo.